

A SAÚDE COMO EIXO ESTRUTURANTE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DA FRAGMENTAÇÃO CURRICULAR PARA UMA COMPREENSÃO INTEGRAL

HEALTH AS THE STRUCTURING AXIS OF PROFESSIONAL TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION: FROM CURRICULAR FRAGMENTATION TO A HOLISTIC UNDERSTANDING

LA SALUD COMO EJE ESTRUCTURANTE DE LA FORMACIÓN PROFESIONAL EN EDUCACIÓN FÍSICA: DE LA FRAGMENTACIÓN CURRICULAR A UNA COMPRENSIÓN INTEGRAL

Jairo Silva de Araújo¹

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Cinara Calvi Anic Cabral²

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Iandra Maria Weirich Coelho³

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

-
- ¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (UFPA, com um período de estudo cursado na Universidade do Porto, Portugal, através do programa Santander Ibero Americanas (2013). Mestre em Ensino pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Vencedor do prêmio Professores do Brasil (Ministério da Educação, 2017) de melhor professor de 2º ciclo do Estado do Amazonas, e de Melhor Professor de Educação Física do Norte do Brasil. Professor efetivo do Estado do Amazonas (SEDUC), ministrando aulas para 1º e 2º ciclo. Pesquisa na área do Ensino e Educação temas relacionados à obesidade infantil.
 - ² Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), mestrado em Ecologia pela Universidade de São Paulo (2002), e doutorado em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso (2016). Atualmente é professora do ensino superior e pós graduação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, atuando nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Química, Física e Matemática e mestrado profissional em Ensino Tecnológico
 - ³ Doutora em Linguística (2009) e Mestrado em Linguística (2005), na área de Variação e Ensino, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras - Português/Espanhol, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É professora titular do Departamento Acadêmico de Educação Básica e Formação de Professores e do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Atua como coordenadora do Centro de Idiomas do IFAM, Campus Manaus Centro. É membro do Grupo de Pesquisa de Investigação sobre Recursos e Práticas de Ensino. Atualmente, é editora da Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico

Resumo

A formação profissional é crucial para moldar os saberes do professor de Educação Física, especialmente sobre a saúde. No entanto, a abordagem do tema nos cursos de licenciatura ainda enfrenta desafios significativos. Este artigo objetiva examinar, por meio de uma revisão de literatura, como a saúde foi abordada na formação inicial em Educação Física entre 2015 e 2024, mapeando as concepções orientadoras, as lacunas existentes e as recomendações para uma prática mais integral. A metodologia consistiu em uma revisão narrativa com busca em seis bases de dados, resultando na análise de 10 estudos. Os resultados, organizados em duas categorias, revelaram que o currículo ainda se ancora em um modelo biomédico, fragmentado e com forte centralidade nas Ciências Naturais. Essa estrutura leva a lacunas como a baixa predominância da saúde na licenciatura, muitas vezes relegada ao bacharelado, e uma compreensão reducionista do tema, focada na aptidão física. Como contraponto, a literatura recomenda uma abordagem pedagógica integral, que articule saúde e educação e incorpore os aportes das ciências sociais e humanas para uma compreensão ampliada e contextualizada. Conclui-se que a formação precisa superar a herança biologicista, tratando a saúde de forma transversal e dialógica para capacitar o futuro professor com uma visão crítica, ontológica e multifacetada, alinhada às complexas demandas da educação básica.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Formação Docente; Bem-estar.

Abstract

Professional education is crucial for shaping Physical Education teachers' knowledge, especially about health. However, how the topic is addressed in teacher-education programs still faces significant challenges. This article aims to examine, through a literature review, how health is treated in initial Physical Education teacher training between 2015 and 2024, mapping the guiding conceptions, existing gaps, and recommendations for a more holistic practice. The methodology consisted of a narrative review with searches in six databases, resulting in the analysis of 10 studies. The findings, organized into two categories, show that the curriculum remains anchored in a biomedical model fragmented and with a strong emphasis on the Natural Sciences. This structure leads to gaps such as the low prominence of health in licensure programs often relegated to the non-teaching bachelor's track and a reductionist understanding of the topic focused on physical fitness. As a counterpoint, the literature recommends an integral pedagogical approach that articulates health and education and incorporates contributions from the social and human sciences to foster a broader, contextualized understanding. It is concluded that teacher education must overcome its biologicist legacy, treating health as a cross-cutting, dialogic theme in order to equip future teachers with a critical, ontological, and multifaceted outlook aligned with the complex demands of basic education.

Keywords: School Physical Education; Teacher Training; Well-Being.

Resumen

La formación profesional es crucial para moldear los saberes del profesor de Educación Física, especialmente en lo referente a la salud. Sin embargo, la manera en que el tema se aborda en los cursos de licenciatura aún enfrenta desafíos significativos. Este artículo tiene por objetivo examinar, mediante una revisión de la literatura, cómo se trata la salud en la formación inicial en Educación Física entre 2015 y 2024, mapeando las concepciones orientadoras, las brechas existentes y las recomendaciones para una práctica más integral. La metodología consistió en una revisión narrativa con búsquedas en seis bases de datos, que resultó en el análisis de 10 estudios. Los resultados, organizados en dos categorías, revelan que el currículo sigue anclado en un modelo biomédico, fragmentado y con fuerte centralidad en las Ciencias Naturales. Esta estructura conduce a brechas como la baja predominancia del tema de la salud en la licenciatura a menudo relegado al bachillerato no docente y a una comprensión reduccionista centrada en la aptitud física. Como contrapunto, la literatura recomienda un enfoque pedagógico integral que articule salud y educación e incorpore los aportes de las ciencias sociales y humanas para una comprensión ampliada y contextualizada. Se concluye que la formación debe superar la herencia biologicista, tratando la salud de manera transversal y dialógica, a fin de capacitar al futuro profesor con una visión crítica, ontológica y multifacética, alineada con las complejas demandas de la educación básica.

Palabras-claves: Educación Física Escolar; Formación Docente; Bienestar.



INTRODUÇÃO

A formação profissional em Educação Física (doravante EF) constitui o lócus onde se estruturam saberes e se refinam práticas. É nesse espaço que a tematização da saúde pode emergir como eixo formativo, deslocando-se das leituras estritamente biomédicas. Assim, conforme percebido no estudo de Oliveira (2018), é no cenário acadêmico o primeiro lugar onde se aprende o que, afinal, significa “saúde”, tendo em vista a atuação do profissional no contexto escolar.

Para Pimenta e Lima (2006), são com as vivências advindas do processo formativo, que o futuro professor entra em contato com conteúdos, estágios e práticas que moldam o seu olhar: quais conhecimentos considera relevantes, como organiza as aulas, que problemas identifica no cotidiano escolar e que vínculos estabelece com a comunidade e com a rede de serviços.

Dessa forma, o tratamento dado à saúde na formação, seja como um aporte diretamente ligado aos parâmetros biológicos e aptidão física, ou como um campo que inclui direitos, afeto, território e condições de vida (Buss; Pelegrinni Filho, 2007; Carvalho; Akerman; Cohen, 2022), pode deixar marcas que perduram ao longo da trajetória profissional. Dessa maneira, conforme Almeida e Biajone (2007) e o (2010), o professor ensina, em grande medida, o que aprende durante seu processo de formação profissional.

Nos currículos da Licenciatura em EF, a saúde costuma aparecer em dois vieses. O primeiro, mais biologicista, enfatiza bases anatômicas e fisiológicas, prescrição de exercícios e prevenção de lesões; contribui para o domínio técnico, mas tende a reduzir a complexidade do cuidado ao corpo a parâmetros mensuráveis. A segunda, de perspectiva ampliada, insere a saúde no diálogo com a cultura, o ambiente, as relações, a participação social e o direito à educação: pensa-se a escola como espaço de promoção da saúde, em parceria com a comunidade e com os serviços públicos (Oliveira, 2018; Antunes; Kunth 2021). Quando a trajetória formativa privilegia apenas o primeiro registro, a saúde costuma chegar à sala de aula como condicionamento físico; quando o percurso inclui experiências de extensão, estágios em territórios e discussões sobre saúde coletiva, o professor tende a propor projetos integrados, abordagens interdisciplinares e atividades corporais que conversam com o contexto dos estudantes.

Apesar da crescente relevância do tema, a literatura indica que a abordagem da saúde na formação de professores de Educação Física ainda enfrenta desafios significativos. Trabalhos como os de Antunes e Knuth (2021) e Stanga (2023) apontam para



a persistência de um currículo com forte viés biomédico, que tende a fragmentar o conhecimento e a priorizar a aptidão física em detrimento de uma compreensão mais ampla e social da saúde.

Essa fragmentação resulta em lacunas, como a baixa predominância da saúde como tema central na licenciatura e a manutenção de um modelo curricular que privilegia as Ciências Naturais em detrimento das Humanas e Sociais, conforme explica Oliveira (2018). Tais lacunas limitam a preparação dos futuros professores para uma atuação pedagógica que articule a saúde de forma transversal e contextualizada na educação básica, justificando a necessidade de investigar como a formação profissional pode avançar para uma perspectiva ontológica, dinâmica e abrangente.

Para isso, a Licenciatura precisa oportunizar vivências consistentes ao futuro professor: componentes curriculares que discutam concepções de saúde, estágios que aproximem escola e serviços, projetos que envolvam famílias e territórios, e um repertório didático que permita transformar as ações pedagógicas. Quando esses elementos aparecem de forma dispersa ou residual, a saúde tende a ocupar um lugar periférico no currículo escolar.

Assim, examinar a formação profissional de professores de EF sob um enfoque ontológico é tarefa desafiadora (Araújo; Azevedo, 2023), pois por mais de um século a área se apoiou em matrizes biologicistas e performativas que estreitaram a compreensão do humano a dimensões funcionais (Darido, 2001, 2003; Araújo; Azevedo, 2023). Rever a forma como a disciplina foi vista requer deslocamentos teóricos e metodológicos capazes de recuperar as compreensões mais profundas da experiência corporal e pedagógica que a escola demanda.

Assim, este artigo se propõe a examinar a literatura científico-acadêmica, publicada entre 2015 a 2024 sobre o tema, mapeando como a saúde vem sendo abordada na formação profissional dos professores de EF e quais concepções a orientam. Nesse sentido, buscamos responder a seguinte questão: como a literatura científico-acadêmica, entre 2015 e 2024, abordou a temática da saúde na formação profissional de professores de Educação Física, considerando tanto as lacunas existentes quanto as recomendações para uma abordagem mais integral?"

Dessa forma, parte-se do entendimento de que a formação profissional em EF constitui um momento importante para orientar o sentido da saúde no âmbito escolar e, por conseguinte, para qualificar a ação docente. Este estudo, portanto, proporciona novas reflexões ao sistematizar a produção recente (2015–2024) e examiná-la à luz de um



enfoque ontológico, identificando nuances, tensões e inflexões curriculares que atravessam o tema. Com isso, pretende-se construir análises que iluminem possibilidades de integração entre saberes biológicos e socioculturais, bem como os reflexos dessa relação na formação profissional.

MÉTODO OU METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como de revisão narrativa, que busca compreender, de forma mais abrangente o tema proposto, e permite discussões teóricas acerca da relação entre Educação Física e saúde na formação profissional.

Como primeiro passo, ficou definido o objeto de estudo em discutir de que modo a temática da saúde está deposta no processo formativo profissional de professores de Educação Física. Em seguida, realizou-se a busca bibliográfica nas bases *SciELO* (4 resultados), Periódicos CAPES (3 resultados), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (30 resultados), *ERIC* (8 resultados), *Web of Science* (3 resultados) e *Google Acadêmico* (38 resultados). As buscas foram centradas nos seguintes termos: “Educação Física e saúde”, “formação de professores”, “formação profissional”, “saúde e Educação Física”, “teacher education and health”, “physical education teacher training”. O período escolhido contemplou publicações de 2015 a 2024.

Além disso, foram aplicados os seguintes **critérios** de inclusão: trabalhos que contemplem o período escolhido (10 anos); artigos, teses e dissertações publicados em periódicos que discutam a formação profissional em Educação Física e saúde; estudos que abordem licenciandos, formadores de professores ou currículos de cursos de Licenciatura em Educação Física com vista à saúde; e como **critérios de exclusão** tivemos: trabalhos de conclusão de curso, resenhas, editoriais e atas de eventos sem revisão por pares, pesquisas sobre a saúde de professores sem relação com sua formação profissional; trabalhos duplicados.

Concluído o levantamento, foram identificados 90 estudos. Após a remoção dos estudos duplicados e a triagem por título e resumo, seguiu-se a leitura na íntegra dos estudos elegíveis, com aplicação dos critérios de inclusão e exclusão acima mencionados. Ao longo dessas etapas, 80 estudos foram excluídos (redução de 88,9%), resultando em 10 estudos (11,9% do total inicialmente identificado) que compuseram os dados da síntese, conforme mostra o Quadro 1.



Quadro 1 – Estudos selecionados para os dados de análise

Modalidade de Pesquisa	Título	Autor(a)	Ano
Tese	Contribuições epistêmicas e metodológicas freirianas na formação em Educação Física no campo da saúde.	STANGA, A. S.	2023
Artigo	Educação física escolar e a educação em saúde: uma análise em dissertações e teses brasileiras.	MALACARNE, J. A. D.; ROCHA, M. B.	2023
Artigo	Saúde e Educação são temas pertinentes à licenciatura e ao bacharelado em Educação Física?	ANTUNES, P. de C.; KNUTH, A. G.	2021
Artigo	A relação entre saúde e Educação Física escolar: uma revisão integrativa.	MANTOVANI, T. V. L.; MALDONADO, D. T.; FREIRE, E. dos S.	2021
Artigo	A urgência da Saúde Coletiva na formação em Educação Física: lições com o COVID-19	LOCH, M. R.; RECH, C. R.; COSTA, F. F.	2020
Artigo	Concepções de saúde na formação inicial em educação física: uma perspectiva discente.	MELO, I. O. <i>et al.</i>	2020
Artigo	O tema da saúde na formação inicial em Educação Física em uma universidade pública: reflexividade, agência e estrutura.	OLIVEIRA, V. J. M.; GOMES, I. M.	2019
Artigo	O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas.	NEIRA, M. G.	2018
Tese	Sobre as presenças e ênfases dadas ao tema da saúde na formação inicial em Educação Física no centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo	OLIVEIRA, V. J. M. de	2018
Artigo	Educação física na saúde pública: revisão sistemática.	NEVES, R. L. <i>et al.</i>	2015

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Assim, com todos os dados construídos, recorreremos à espiral de Creswell (2014) como protocolo de análise desses dados, que para o autor necessita da percepção do pesquisador sobre a essencialidade de se envolver em um círculo analítico em vez de uma abordagem linear. Creswell (2014) compõe as fases desse círculo em três etapas: 1) organização dos dados; 2) codificação dos dados, e 3) interpretação e representação dos dados.



Assim, a primeira fase da espiral de Creswell (2014) (organização dos dados), iniciou-se quando decidimos recorrer à pergunta de pesquisa, a fim de organizarmos os dados refletindo sobre a pertinência de cada trabalho para nossa pesquisa. Por conseguinte, seguimos à segunda etapa (codificação dos dados), que segundo Creswell (2014), é o momento mais importante da análise, pois consiste na leitura criteriosa de todos os dados, organizado na etapa anterior, com o objetivo de serem criadas categorias (títulos-temas) para posteriormente serem interpretados na última etapa.

Dentro dessa etapa, começamos a identificação direta do trabalho por meio de seu título, resumo, referencial bibliográfico, metodologia tendo o olhar atento aos objetivos, problema, público da pesquisa, e protocolos de análise.

Para que as análises fossem realizadas de forma contundente dentro do processo, mantivemos as anotações pertinentes em mapa mental seguido de anotações relevantes em *post-its* para podermos intersectarmos os temas encontrados nas pesquisas com as intenções que levassem a responder a questão problema deste estudo. Assim, emergiram duas categorias: (1) Centralidade biomédica [discutida na seção a seguir] e (2) A saúde na perspectiva das ciências sociais: recomendações para a formação profissional em Educação Física.

Dessa maneira, com os dados codificados e as categorias criadas, chegamos na terceira e última fase da espiral de Creswell (2014) que consiste em interpretarmos cada categoria para revelarmos seus achados e aspirações, a fim de entendermos os fenômenos por trás do seu surgimento. A seguir, mostra-se a interpretação de cada categoria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A definição clássica da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o significado da saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença” tem sido amplamente contestada por seu caráter idealista e irrealista. Uma análise sistemática realizada por Van Druten *et al.* (2022) concluiu que essa concepção, ao exigir um bem-estar pleno, rotulando como “não saudável” indivíduos com doenças crônicas ou deficiências, inclusive aqueles que possuem patologias e se sentem bem ou funcionam adequadamente no cotidiano. Isso transforma a noção de Saúde em algo utópico e potencialmente excludente.

A saúde, portanto, revela-se volátil, em constante transformação, marcada por elevados graus de subjetividade e por determinantes históricos que condicionam sua



definição. Assim, o que é considerado “ser saudável” varia conforme os valores e as perspectivas de cada sociedade.

Nessa direção, Melo *et al.* (2020, p. 494) apontam que a adoção desse conceito resultou no “reconhecimento do direito à saúde e na obrigação do Estado em promovê-la e protegê-la diante dos riscos de adoecimento. Contudo, seu caráter estático, individual e utópico forneceu subsídios a inúmeras críticas.”

Essa herança de compreensão se expressa, ainda hoje, na formação profissional em Educação Física, onde predominam práticas assentadas em moldes biomédicos. Como ressalta Stanga (2023, p. 18), a permanência desse modelo no campo da saúde pode ser explicada pela influência do paradigma flexneriano⁴ norte-americano, fortemente incorporado às práticas de saúde brasileiras. No contexto da formação profissional em Educação Física, esse predomínio tende a fragmentar a discussão da saúde no currículo, limitando sua abordagem a recortes técnicos e instrumentais, sem integrar a dimensão complexa, histórica e social que o tema exige.

A trajetória da EF torna escassos os elementos que justificariam elogios, dada a recorrência de descontinuidades e desvios (Soares, 1994), pois os seus desdobramentos apontam para um passado enaltecido por tensões políticas e estratégias do Estado em fazer da disciplina um componente curricular baseado nos seus interesses político-ideológicos. A esse respeito, temos como primeiros “professores” de EF, médicos, que satisfaziam o interesse do Estado na “higienização” de população que se via em exponente crescimento (Bratch, 1997).

Assim, com as reformas ocorridas dentro da educação, encontramos a EF no rol das disciplinas que sofreram com mudanças significativas, construindo-se por influências de abordagens de ensino influenciadas por tendências curriculares que revelaram diferentes perspectivas de ser humano e sociedade (Nunes; Rúbio, 2008).

A esse respeito, Neira (2018, p. 16) discorre:

Um currículo de Educação Física culturalmente orientado procura impedir a reprodução consciente ou inconsciente da ideologia dominante desencadeada pela ausência de questionamentos das relações de poder que impregnam as práticas corporais. Os significados produzidos pelas brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas precisam ser analisados em seu sentido político-cultural mais amplo, não podemos persistir na visão unívoca da cultura corporal dominante

⁴ Modelo que reorganizou a formação em saúde nos EUA. Prioriza ciência biomédica, hospital-centrismo e especialização, com ensino sequencial e padronização curricular (Flexner, 1910).



Nesses desdobramentos, tendo a EF sofrido transformações baseadas em projetos de poder, é de se imaginar que a sua formação profissional, no percurso histórico, iniciou-se de forma fragilizada e contundente sem um caráter formador de saberes pedagógicos, podendo, daí, ter originado, segundo Stanga (2023), a confusão instalada nos cursos superiores de EF que, na maioria dos casos, agem propondo uma matriz curricular centrada na dimensão biológica e obstatante das compreensões acerca da formação integral humana.

Do exposto, mesmo antes de a EF ter sido inserida como profissão da saúde, em 1997, as intervenções voltadas às compreensões em volta do significado da tematização da saúde “sempre foram desenvolvidas em outros cenários, tais como clubes, secretarias de esporte, no terceiro setor, logo, os autores consideram a área do fitness como um campo de atuação em saúde numa perspectiva ampla” (Stanga, 2023, p. 69).

Dessa maneira, Antunes e Knuth (2021) identificam, nas construções próprias do campo da EF e em sua materialização curricular, uma separação intencional de enfoques. À licenciatura, ideologicamente, atribui-se prioritariamente o tratamento de temas voltados à educação básica, enquanto a saúde é remetida ao campo da aptidão física, vinculada sobretudo ao bacharelado. Nesse arranjo, a saúde não se integra de forma orgânica ao currículo da licenciatura, sendo direcionada ao bacharelado, cuja prática profissional, por não estar centrada no ambiente escolar, não tem o compromisso de articular saúde e educação.

Entretanto, Oliveira (2018) defende uma concepção ampliada de saúde, capaz de sustentar condições e possibilidades formativas no currículo. Nessa perspectiva, a saúde é tomada como fenômeno social e educativo, articulado ao cuidado das pessoas e às desigualdades produzidas pelos modos de vida e não como domínio exclusivo da clínica. A proposta não elimina o papel dos profissionais da saúde; ao contrário, convoca uma atuação mais dialógica e colaborativa com a escola, marcada por humildade epistemológica e compromisso com a redução das iniquidades que atravessam os sujeitos.

Dessa maneira, se levarmos em conta as urgências de atuação profissional previstas nas políticas públicas, “vemos que a ampliação conceitual ali explícita supera o entendimento de que Saúde e Educação formam categorias que não se articulam por uma mesma episteme, contestando a tradição do campo” (Antunes; Knuth, 2021, p. 7), sendo a educação “um fator significativo para a promoção da saúde, na medida em que contribui para que o professor e a comunidade escolar fomentem a formação de cidadãos capazes de atuar em favor da melhoria dos níveis de saúde pessoais e da coletividade” (Antunes; Knuth, 2021, p. 3).



Essa problemática levada ao contexto da formação profissional vem criando discussões acerca do currículo “ideal” para os processos de formação em EF estruturada em bacharelado e licenciatura (Stanga, 2023) revelando a complexidade da realidade de atuação profissional com as discussões curriculares (Antunes; Knuth, 2021) repousando o paradoxo que abrange a área da EF em sua conexão com as Ciências Naturais e as Ciências Humanas e Sociais (Oliveira, 2018).

As Ciências Naturais, historicamente alçadas à condição de protagonistas no currículo da formação inicial em EF (Oliveira; Gomes, 2019), reforçam uma compreensão restrita da área como sinônimo de aptidão física (Antunes; Knuth, 2021). Essa centralidade acaba por descentralizar a EF enquanto componente curricular voltado à episteme do humano em sua integralidade, aspecto essencial para a promoção do cuidado no âmbito da saúde (Oliveira, 2018).

No contexto da educação básica, tal reducionismo repercute na prática pedagógica, uma vez que a saúde tende a ser trabalhada apenas de forma fragmentada, associada ao rendimento físico e ao controle corporal. O ideal, como ressalta Pasquim (2010), não seria a criação de disciplinas específicas para abordar a temática da saúde, mas sim sua transversalização em todo o núcleo comum do currículo, possibilitando uma formação mais ampla e coerente com as demandas educativas e sociais da escola.

Brugneroto e Simões (2009, p.162) reconhecem os esforços de Instituições de Ensino Superior em ofertar um currículo centrado nas compreensões ontológicas do ser, distanciando-se do viés biológico quando oferecem uma visão da saúde fundamentada na promoção da Saúde. Contudo, na execução praticam a ideia proveniente da linha “faça atividade física e ganhe saúde”, que é criticada como única justificativa de intervenção da EF.

Assim, a nova primícia da EF circundada às contribuições das Ciências Humanas e Sociais para a formação profissional carece dialogar sobre as compreensões do conceito de saúde, buscando compreensões que rompam com noções que se restringem à esfera biológica, porém sem negá-la (Oliveira, 2018).

Ademais, a aproximação do tema da saúde não pode ser centrada unicamente ao bacharelado. É imprescindível que o licenciado tenha aproximação com esta episteme, pois na configuração escolar a intervenção pedagógica requer perspectivas ampliadas de saúde (Loch; Rech; Costa, 2020) sendo ainda possível “compreendermos que é possível resgatar a subjetividade perdida pelas proposições da ciência moderna que se empenhou em



eliminar o sujeito da experiência científica em nome de uma suposta neutralidade” (Oliveira, 2018, p. 46).

Para esse suporte, embora a formação continuada possa ser um meio abrangível para o desenvolvimento profissional neste campo e, também, como uma forma de minimizar a defasagem das compreensões reducionistas acerca do tema na graduação (Falci; Belisário, 2013), é na formação profissional adquirida no âmbito acadêmico que os saberes são construídos com cientificidade para compor os conhecimentos acerca da construção profissional do acadêmico de EF, sendo este o melhor momento para preparar o futuro professor de EF para trabalhar o tema da saúde por uma perspectiva integral.

Com essa abordagem, Loch, Rech e Costa (2020, p. 3514) propõem:

Um possível caminho é fazer com que componentes curriculares que normalmente focam apenas em aspectos individualizados e centrados no mercado privado da atuação, busquem um olhar mais ampliado de saúde e dialoguem com a oferta e funcionamento dos serviços públicos de saúde. Além disso, outra questão fundamental é que os alunos sejam imersos na experiência, desde os primeiros semestres. Perspectivas conteudistas descoladas dos contextos do trabalho nos parecem antiquadas e insuficientes para a formação de um profissional autônomo, crítico, criativo e capaz de criar e transformar seus modos de trabalho.

Por isso, Antunes e Knuth (2021, p. 7) salientam que um currículo “seja na sua estruturação formal, seja na ação cotidiana daqueles que o colocam em ação, pode dar maior visibilidade ao tema da saúde e enfraquecer o da educação, sem necessariamente prestigiar os avanços no conceito de saúde.” Também é válido destacar que a análise do lugar da saúde nas matrizes curriculares não pode se restringir à observação de cargas horárias ou à nomenclatura das disciplinas. Tal perspectiva, por si só, tende a produzir conclusões limitadas, uma vez que o fundamento teórico do currículo pode estar ancorado em concepções de saúde rígidas, de caráter biológico e determinístico (Antunes; Knuth, 2021).

À guisa de complementação, Brugnerotto e Simões (2009) não acreditam num potencial formador via tematização da saúde por meio de disciplinas blocadas, como tradicionalmente acontece nos cursos de formação inicial e protagonizando o biológico, à semelhança do que propõe Oliveira e Gomes (2019) sobre um tratamento centrado na área da saúde sobre um panorama ampliado desse tema.

Desse modo, as interpretações obtidas pela análise dos dados indicaram que o currículo da EF, para surtir efeitos positivos na educação básica, necessita estar sob a



óptica ampliada das análises das Ciências Humanas em conectividade com as Ciências Biológicas, em que a abrangência de uma não ofusque as dimensões da outra, estando em um parâmetro necessário para proporcionar aos futuros professores de EF a compreensão da saúde como um elemento transversal dentre todos os conteúdos do currículo.

A saúde na perspectiva das ciências sociais: recomendações para a formação profissional em Educação Física

Retomando brevemente à definição de saúde pela OMS, a qual foi discutida na categoria anterior [saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”], nota-se que aquele conceito pode ter sido eloquente à época que surgiu (Segre; Ferraz, 1997). Passadas algumas décadas, a própria dinâmica social e os novos referenciais teóricos expõem limites dessa formulação, frequentemente percebida como “irreal, ultrapassada e unilateral” (Segre; Ferraz, 1997, p. 539). No âmbito da formação profissional em EF, esse diagnóstico exige reposicionar o tema focando em pensar uma saúde, vinculada à educação, segundo Malacarne e Rocha (2023), de modo que o conceito deixe de ser um enunciado estático e se torne matéria viva no processo formativo do licenciando, em diálogo com as situações concretas da escola e com os desafios que atravessam a comunidade escolar (Mantovani; Maldonado; Freire, 2021).

Segre e Ferraz (1997) chamam atenção para as insuficiências do conceito; Palma (2001), por sua vez, reconhece avanços, mas lembra que persiste a dificuldade central: o que significa “completo bem-estar”? A pergunta desvela o risco de se trabalhar com abstrações pouco operativas. Uma alternativa é deslocar o foco para uma humanização da saúde: considerar a singularidade dos sujeitos, suas trajetórias, vulnerabilidades e potências, e traduzir isso em práticas pedagógicas sensíveis que não reduzam a saúde a parâmetros biométricos, mas a tratem como experiência humana, cultural e educativa (Oliveira, 2018; Soares *et al.*, 2020).

Sob um olhar conceitual mais diretivo, Guedes (1999) observa que a “saúde” aparece no entorno da EF de forma vaga e difusa, abrindo espaço a leituras descontextualizadas e pedagogicamente frágeis. Assim, tornar a escola como referência para abordar a saúde implica reconhecer seus determinantes sociais e as mediações produzidas por projetos e políticas públicas (Palma, 2001), deslocando o debate do binômio “doença/não-doença” para um campo mais complexo e historicamente situado (Neves *et al.*, 2015). Daí a pertinência de trazer as Ciências Sociais para o centro da discussão, pois somente a partir dela é possível compreender os condicionantes históricos, econômicos e culturais que



estruturam os modos de viver e de cuidar da saúde, qualificando assim a formação profissional em EF.

Por fim, aceitar a dimensão biológica como explicação suficiente para a relação saúde-doença seria, no mínimo, ingênuo (Palma, 2001), pois o adoecimento não pode ser “investigado ou tratado somente sob a forma de uma relação biológica de causa e efeito, tão simples, que desconsidere outros aspectos relevantes, tais como os contextos socioeconômicos e históricos.” (Palma, 2001, p. 24). Assumir essa complexidade abre espaço para percursos formativos mais críticos e situados, capazes de articular de forma indissociável educação, humanização e determinantes sociais tanto na formação profissional quanto nas práticas pedagógicas da educação básica.

Desse modo, retomando os conceitos estabelecidos sobre a saúde, e sem prejuízo de uma análise mais abrangente sobre a diligência da OMS, Neves (2021, p. 79) afirma:

[...] algumas pessoas questionam o uso da expressão “completo estado” como se fosse algo que indicaria uma “meta utópica” difícil de ser alcançada. De qualquer forma, tem-se aí uma noção de saúde para além de um caráter apenas “individual”, na medida em que passa a englobar também um “bem-estar social”, ou seja, de natureza “coletiva”. Nas últimas décadas do século XX, passou a ser necessária uma ampliação desse conceito de saúde para englobar situações que envolvam.

À semelhança do que propõe Neves (2021), Scilar (2007) sugere um conceito de saúde subsidiado à luz da conjuntura social, econômica, política e cultural. Em outras palavras, saúde não significa para uma pessoa o mesmo que significa para outras. Subordinar-se-á à época, do lugar, da classe social, valores individuais, concepções científicas, religiosas, filosóficas (Scilar, 2007). Em consonância com essas reflexões à formação profissional, Oliveira (2018) defende o tema da saúde com a capacidade de criar perspectivas curriculares e formativas que se ancorem em uma concepção ampliada desse tema ligada às próprias pessoas.

À medida que se avança, cumpre-nos o papel de refletirmos sobre os conceitos acerca da saúde até aqui abordados, que convergem com os pensamentos de Palma (2001), quando salienta a visão ainda estreita da literatura sobre esse tema por considerá-lo na perspectiva de dois vieses, sendo o primeiro a respeito da ausência de doenças (já comentado anteriormente), e o segundo na compreensão biológica circundada na determinação de doenças, que se desdobra em quatro perspectivas: a primeira, de que o indivíduo que está doente não pode ser saudável; a segunda, da doença poder ser



prevenida de maneira determinista-biológica (basta acabar com a causa); a terceira, refere-se ao processo de “culpabilização” de que a doença pode ser evitada, principalmente, pela própria pessoa; e a quarta, mas não menos importante, é a desconsideração ao contexto socioeconômico.

Convergindo as perspectivas dos autores trazidos até aqui com o diálogo à EF, Oliveira (2018) diz que o entendimento dessa disciplina com a saúde remonta à própria história da disciplina, na qual há fases em que se confunde o próprio movimento corporal humano com a saúde. Nos moldes históricos, a EF se constituiu um entendimento de saúde alicerçada nas Ciências Naturais e Biológicas, o que designou uma intermediação restrita vinculada apenas à exercitação corporal. Entretanto, movimentos como a Reforma Sanitária, o Movimento Renovador da Educação Física e a atual aproximação da área com a Saúde Coletiva, tem dirimido possibilidades de ampliação das observâncias circundantes à saúde.

Assim como Oliveira (2018), Stanga (2023) reforça a noção de que na relação da formação profissional em EF, a saúde encontra nas propostas pedagógicas o alento de uma educação para a saúde, ainda que os cursos de licenciatura necessitem de maior abertura sobre como compor essa tematização em uma apropriação mais alargada dos pressupostos teóricos, metodológicos e práticos para a efetividade de debates dessa episteme no processo de formação e, conseqüentemente para fomentar atuações mais abrangentes nos cenários da atuação profissional.

Para o atual cenário dos debates acerca do currículo na formação profissional, dado o contexto das transformações no bojo epistêmico das novas diretrizes, é importante indicar que a identidade profissional do professor de Educação Física escolar tenha conhecimentos da saúde atrelada à educação (Antunes; Knuth, 2021).

Talvez o tom imperioso de Antunes e Knuth (2021) em argumentar sobre a imprescindibilidade dos conhecimentos da saúde aos licenciados deva ser a resposta aos discursos impetuosos fincados nos conhecimentos sociais de que uma sociedade “forte” e “saudável” se constrói à base da promulgação de jargões “esporte é saúde” ou “esporte promove saúde”. Uma perspectiva de saúde ligada à aptidão física e essa à prática esportiva como ideário de produção da saúde nos panoramas biológicos, pode levar a Educação Física à “penitência” de ser pensada à luz das Ciências Naturais e Biológicas, como reflete Oliveira (2018).

Corroborando as ideias acerca do envolvimento de influência sofrido pela saúde, Guedes (1999, p. 11) expande as explanações ao afirmar que:



A educação para a saúde abordada em um sentido exclusivamente biológico e higienista inibe o domínio e o encorajamento de atitudes favoráveis a própria saúde, não permitindo que novos conhecimentos sejam incorporados de forma integrada e duradoura em direção a auto-independência em decisões quanto à adoção de um estilo de vida saudável.

Embora seja legítima a premissa de que a saúde orbite as compreensões anátomo fisiológicas, cumpre observar que o autor supracitado não defende retirar de cena a dimensão biológica, “mas de criticar uma perspectiva hegemônica de ciência que pouco tem se preocupado com as questões afetas à vida das pessoas, muito devido às suas pretensões de neutralidade, de quantificação e de normalização” (Oliveira, 2018, p. 48).

À semelhança do que propõe Oliveira (2018), Guedes (1999) destaca a importância de programas de educação para a saúde, sem ignorar a significativa participação da dimensão biológica como um desafio para o domínio didático-pedagógico abrangido pelos fatores sociais que estruturam a disciplina de EF.

À guisa de ilustração, uma formação profissional abrangente está fundamentada em um conceito de saúde que proporcione reflexões sobre a realidade, espaço pela qual se constrói as relações práticas sociais, oferecendo momento favorável às diferentes leituras de mundo e no entendimento da complexidade em saúde proporcionada por uma formação dialógica, que garante o diálogo de forma afetuosa e humilde nas conjunturas didático-pedagógica do acadêmico e em comunicação efetiva com o contexto do mundo real (Stanga, 2021).

Dessa maneira, torna-se evidente a necessidade da formação em EF proporcionar um percurso formativo ao universitário promulgado nas perspectivas de uma disciplina que recorre ao conceito de saúde, não sobremaneira exógena às compreensões circundantes ao tema, mas validando a imprescindibilidade de uma interpretação mais profunda que saia dos longos anos em que esteve alicerçado nas Ciências Naturais para um novo olhar permeado, agora, nas reflexões ontológicas das Ciências Humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tangenciada pelas compreensões reducionistas da OMS e subestimada pelas percepções biológicas trazidas por influência das Ciências Naturais (Segre; Ferraz, 1997; Palma, 2001), a saúde sempre esteve em uma linha tênue entre os significados que lhe atribuíam e os reais sentidos de sua execução em prática (Oliveira, 2018; Oliveira; Gomes, 2019). A esse modo, por anos os fatores sociais intrínsecos aos modos vida não foram



lembrados na consideração de uma perspectiva de saúde fundamentada nos processos de construção social.

Pensar essas concepções à formação profissional é proporcionar ao futuro professor de EF a visão de que a saúde não é a simples circunstância de estar livre de doenças, mas sim de considerar os seus significados como algo amplo e complexo que transversa os aspectos biopsicossociais diante do dinamismo da vida humana. Tê-la em seu real significado possibilita entendermos como as experiências individuais e coletivas de sua execução trazem à tona a abrangência dos comportamentos que influenciam a conduta humana.

À medida que se depreende às suas implicações, temos um cenário da saúde dentro da EF influenciado pelo *modus operandi* do Estado para cada período histórico marcado por conflitos, ideologias e perspectivas diversas tangenciadas por uma compreensão de saúde unidimensional focada nas reflexões do biológico sem espaço para sua abrangência multifacetada.

No que tange à formação do profissional em EF, e refletida à luz dos estudos de Oliveira (2018), Oliveira e Gomes (2019) e Antunes e Knuth (2021), percebeu-se uma deficiência histórica permeada através do currículo que, muitas vezes, estando ancorado prioritariamente nas Ciências Naturais por sustentar uma leitura biologizante da EF pode, por consequência, levar a uma compreensão rudimentar de saúde. Essa orientação, embora já não vivamos o período marcado pela ideologia anátomo-higienista que presidiu a gênese da área, perdura em práticas e conteúdos atuais, limitando a abordagem do tema e empobrecendo sua dimensão pedagógica, social e cultural, conforme apontado por Antunes e Knuth (2021).

Em última análise, pode-se inferir que estudos que circundam o tema da saúde na formação profissional necessitam angariar espaço em concepções amplas que vão além dos saberes técnicos sobre o tema, pautadas nas dimensões naturais, sociais, culturais que influenciam a abordagem, capacitando o futuro professor de EF com uma visão crítica e analítica sobre o caráter diverso da saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de; BIAJONE, Jefferson Biajone. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 281-295, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8gDXyFChcHMD5p6drYRgQSn/?lang=pt>.



ARAÚJO, Jairo Silva de.; AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins. Tendências da Educação Física escolar no Brasil e suas marcas na formação de professores de Educação Física. *In: SOUZA, Ana Cláudia Ribeiro de; COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva. Práticas de formação docente e alternativas mediadoras para o ensino-aprendizagem no contexto tecnológico*. 1. ed. Campinas: Pontes. 2023.

ANTUNES, Priscilla de Cesaro; KNUTH, Alan Goularte. Saúde e educação são temas pertinentes à licenciatura e ao bacharelado em educação física? **Journal of Physical Education**, v. 32, p. e3229, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/tdH4X6fyC6k556F6sVG8H6J/?format=html&lang=pt>.

BRUGNEROTTO, Fábio; SIMÕES, Regina. Caracterização dos currículos de formação profissional em Educação Física: um enfoque sobre saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, p. 149-172, 2009. Disponível em: <https://share.google/ICqyP34v6HKkLRmZp>.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmGf74RqZsbpKYXxNKhm/?lang=pt>.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/70073429/Os-Conteudos-Da-Educacao-Fisica-Escolar-Influencias-Tendencias-Dificuldades-e-Possibilidades>.

CARVALHO, Fabio; AKERMAN, Marco; COHEN, Simone. A dimensão da atenção à saúde na Promoção da Saúde: apontamentos sobre a aproximação com o cuidado. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 3, p. e210529pt, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/FnPp5sFMnYp4g96Tt4vvQ7C/?lang=pt>.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FALCI, Denise Mourão; BELISÁRIO, Soraya Almeida. A inserção do profissional de educação física na atenção primária à saúde e os desafios em sua formação. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, p. 885-899, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KR83XRR4M6qDnGfc5DLqw9s/abstract/?lang=pt>.

FLEXNER, Abraham. **Medical Education in the United States and Canada: A Report to the Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching**. New York: The Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1910. (Bulletin Number Four).

GUEDES, Dartagnan Pinto. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 10-15, 1999. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6619>.



LOCH, Mathis; RECH, Cassiano Ricardo; COSTA, Filipe Ferreira. A urgência da Saúde Coletiva na formação em Educação Física: lições com o COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3511-3516, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344030181_A_urgencia_da_Saude_Coletiva_na_formacao_em_Educacao_Fisica_licoas_com_o_COVID-19.

MALACARNE, José Augusto Dalmonte; ROCHA, Marcelo Borges. Educação física escolar e a educação em saúde: uma análise em dissertações e teses brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 45, e009622, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1423116>.

MANTOVANI, Thiago Villa Lobos; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A relação entre saúde e Educação Física escolar: uma revisão integrativa. **Movimento** (Porto Alegre, Online), v. 27, e27008, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1154947>.

MELO, Itamarcia Oliveira de *et al.* Concepções de saúde na formação inicial em educação física: uma perspectiva discente. **Revista Sustinere**, v. 8, n. 2, p. 492-504, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/53840>.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 1, p. 4-28, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27374>.

NEVES, Afonso Carlos. Conceito Ampliado de Saúde em tempos de pandemia. **Poliética**, v. 9, n. 1, p. 78-95, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/view/55089>.

NEVES, Ricardo Lira de *et al.* Educação física na saúde pública: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, n. 2, p. 163-177, 2015. Disponível em: <https://share.google/VDCYb93RxIIAC5vIc>.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RÚBIO, Kátia. O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 55-77, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/170535617/3-Nunes-Rubio>.

OLIVEIRA, Victor José Machado de; GMES, Iván Marcelo Gomes. O tema da saúde na formação inicial em Educação Física em uma universidade pública: reflexividade, agência e estrutura. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. e25077, nov. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7317948>.

OLIVEIRA, Victor José Machado. **Sobre as presenças e ênfases dadas ao tema da saúde na formação inicial em Educação Física no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) — Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

PALMA, Alexandre de. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, 2001. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/410>.



PASQUIM, Heitor Martins. A saúde coletiva nos cursos de graduação em Educação Física. **Saúde e sociedade**, v. 19, n. 1, p. 193-200, 2010. Disponível em: <https://share.google/tmaWJNGXsOEFLvKFv>.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 29-41, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?lang=pt>.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista de saúde pública**, v. 31, p. 538-542, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/ztHNk9hRH3TJhh5fMgDFCFj/?lang=pt>.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

STANGA, A. C. **Contribuições epistêmicas e metodológicas freirianas na formação em educação física no campo da saúde**. 2023. 268 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) — Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC, 2023.

VAN DRUTEN, V. P. *et al.* Concepts of health in different contexts: a scoping review. **BMC Health Services Research**, Mar 24;22(1):389, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35331223/>.

Artigo recebido em: 30 de setembro de 2025

Aceito para publicação em: 10 de novembro de 2025

Manuscript received on: September 30th, 2025

Accepted for publication on: November 10th, 2025

